

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A FRANKFURTIANIDADE DE HABERMAS E SUAS POSSIBILIDADES EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Luiz Gustavo Alves de Lara¹
Fabio Vizeu

RESUMO

O objetivo deste texto é argumentar a ‘frankfurtianidade’ de Habermas, isto é, sua proximidade com o projeto teórico do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt e apontar possibilidades de avanços de na articulação de suas ideias no campo de Estudos Organizacionais. Para isso, resgatamos o contexto histórico que motivou a fundação do instituto, refletimos sobre aspectos essenciais da Teoria Crítica contidos no seu marco fundador na década de 1930 e os evidenciamos nos trabalhos de Habermas. Sustentamos que o modo instituído de compreensão da Escola de Frankfurt segmentando-a com critério cronológico de gerações demonstra-se limitado. Buscamos compreendê-la através da ligação de seus membros com os fundamentos do marco fundador da Teoria Crítica demonstrando que nem sempre os intelectuais daquela instituição, ainda que de mesma geração, tiveram efetivo engajamento no projeto teórico do instituto, evidenciando assim, que a segmentação por gerações pode levar a equívocos. Consideramos que Habermas é um teórico genuinamente frankfurtiano e seu legado teórico demonstra-se alinhado aos ideais emancipatórios da Teoria Crítica fundamentada por Horkheimer. Dito isto, defendemos que o pensamento de Habermas deve ser versado em Estudos Organizacionais indissociado da Teoria Crítica Frankfurtiana, com possibilidades de avanços na pesquisa sobre comunicação organizacional, discurso ética reforçando o papel político das organizações na sociedade.

Palavras-Chave: Teoria Crítica; Escola de Frankfurt; Habermas.

Introdução

A Teoria Crítica frankfurtiana influenciou várias gerações de pensadores do século XX a promoverem uma ciência social emancipatória. Embora o projeto de Teoria Crítica tenha sido concretizado a partir dos escritos de Horkheimer (1991) sobre as contradições da razão iluminista reduzida à racionalidade instrumental das sociedades contemporâneas, sua gênese está na análise crítica de Marx às contradições que o capitalismo apresenta em seu *modus operandi*.

No campo de estudos organizacionais, muito autores de vertente crítica têm se apropriado das reflexões de ordem filosófica e sociológica dos frankfurtianos. Esta aproximação é dada especialmente no sentido de se buscar uma base analítica e conceitual para a compreensão das contradições da ordem social e histórica atual, porém, contextualizada no âmbito das organizações. Entre as inspirações desta corrente de

¹ luizusf@hotmail.com

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

pensamento, está a desconstrução de um ser humano concebido como mero recurso produtivo para as organizações (FORESTER, 1994; ALVESSON; DEETZ, 1999; VIZEU, 2009), dando condições aos sujeitos de refletirem sobre suas próprias existências no contexto do capitalismo como vias para emancipação (PAULA, 2013).

Em certo sentido, a apreciação da Teoria Crítica em estudos organizacionais foi e continua sendo um trabalho de resistência à hegemonia da concepção positivista de ciência neste campo de estudos. No Brasil, onde os Estudos Organizacionais se vinculam a grande área da Administração, o conhecimento acadêmico é delineado a partir de pressupostos de base funcionalista, onde a concepção de sociedade é harmônica, a noção de processo é a-histórica (VIZEU, 2010b), e a natureza humana é reduzida e disciplinada por uma racionalidade econômica (RAMOS, 1989), baseados em interesses capitalistas e na crença de que as organizações são entidades onipotentes e sagradas (VIZEU; MATITZ, 2013). Sob a ótica do pensamento crítico, entende-se que o desenvolvimento do conhecimento administrativo e em estudos organizacionais sofreu grande influência de práticas do *Management*, uma construção histórica que, enquanto campo do saber e de poder, representa a institucionalização de uma dinâmica instrumental de dominação social (VIZEU, 2010a).

Em razão da predominância da perspectiva do positivismo científico na produção intelectual brasileira em EOR, a Teoria Crítica ainda é pouco explorada. Conforme nos aponta Motta (2014), mesmo sua introdução em EORs no Brasil ser demarcada já na década de 1980 a partir dos trabalhos de Maurício Tragtemberg (FARIA, 2009), sua adoção permanece restrita a apenas alguns grupos de pesquisa e pesquisadores. Neste sentido, tem sido notável a produção de Jose Henrique de Faria, Maria Ceci Misoczky, Ana Paula Paes de Paula, Francis Meneghetti, entre outros. No entanto, esta abordagem está longe de esgotar seu potencial no campo de estudos organizacionais brasileiros.

Sem compromisso com o marxismo ortodoxo, característica desde o marco fundador, a Teoria Crítica continuada por Habermas apresenta avanços importantes que mantém vivo o projeto teórico do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Entretanto, Habermas ainda tem sido pouco versado em EORs brasileiros. Em debates do campo, não é incomum nos depararmos com argumentos sustentando que o pensador se afastou da Teoria Crítica ao desenvolver a Teoria da Ação Comunicativa, ou ainda, a existência de segregação do projeto teórico de Frankfurt por não ser um membro fundador do instituto. Neste contexto, tem sido intenso o debate sobre Habermas ser ou não um legítimo herdeiro da tradição frankfurtiana (ARAGÃO, 1992).

Ainda que sem a intenção de diminuir o legado habermasiano na Escola de Frankfurt, é hegemônica a narrativa segmentando-a como primeira, segunda e terceira gerações. Embora seja uma forma didática, a divisão dos membros através de gerações induz ao erro de negligenciar pensamento multidisciplinar em torno do projeto de Horkheimer (1991), ou ainda as divergências sobre o diagnóstico da sociedade mesmo entre os fundadores. Isso acaba supervalorizando fronteiras geracionais em detrimento da proximidade aos fundamentos do projeto teórico da Teoria Crítica.

Neste ensaio sustentamos que apesar de esforços isolados de alguns pesquisadores de EORs, as obras de Habermas permanecem como um potencial teórico ainda não plenamente realizado em EORs no Brasil. Argumentamos que problemas contemporâneos que podem ser melhor explorados pela Teoria Crítica Frankfurt sob o prisma de Habermas e seu diagnóstico sobre o capitalismo tardio.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Este ensaio está estruturado em seis seções a saber: (i) marco fundador da Teoria Crítica; (ii) essência da Teoria Crítica Frankfurtiana; (iii) desconstrução da segregação por gerações; (iv) Habermas e a continuidade da Teoria Crítica frankfurtiana; (v) o potencial de Habermas em EORs; e nossas (vi) considerações finais.

Marco Fundador da Teoria Crítica

Até a década de 1920 a revolução proletária não ocorrera como predita por Marx, o marxismo ortodoxo dera condições para formação de um Estado totalitário na União Soviética (BOTTOMORE, 2001) e discursos nacionalistas se espalhavam pela Europa. Os desdobramentos históricos culminaram no Terceiro Reich alemão, no Fascismo italiano e na ditadura comunista soviética comandada por Lenin (ARENDETT, 1989). A racionalidade instrumental sufocara a razão emancipatória (ADORNO; HORKHEIMER, 1999) e a construção daqueles regimes totalitários dotados de saber técnico e instrumental revelaram o fracasso do projeto iluminista para a modernidade.

A razão desenvolvera a técnica produtiva, mas não corroborou para emancipação os indivíduos de sua condição de dominados observada desde de Kant (1995). Pelo contrário, o pensamento iluminista revelou-se utilitário para construção da sociedade moderna caracterizada por um projeto totalitário de dominação em massa (HORKHEIMER, 1999). Na metade do século XX a relação entre Estado, ciência e Capital tomara outras configurações que escaparam às categorias marxistas ortodoxas (BOTTOMORE, 2001). O mundo não vivenciou crises progressivamente mais agudas até o colapso do capital (HORKHEIMER, 1972) e o Estado tornara-se mantenedor do sistema econômico desarticulando a luta de classes (HABERMAS, 2002).

Naquele contexto do início do século XX, a sociologia estava impregnada de pensamento positivista. Predominavam perspectivas teóricas derivadas do funcionalismo e de importações descabidas de métodos que representavam a extensão da ciência cartesiana delineada sob inspiração das ciências biológicas e exatas (HORKHEIMER, 1991). Em contraposição, haviam tanto intelectuais marxistas ortodoxos que apoiavam o regime soviético, como também teóricos neo-marxistas que buscavam diálogos interdisciplinares cujas análises estavam para além do marxismo estruturalista (NOBRE, 2005).

Dialogando com teorias sociológicas, culturais e a psicanálise (BOTTOMORE, 2001) os neo-marxistas olhavam com criticidade para as teses de Marx (MELO, 2013). Isto se devia ao fato de que apesar da ideologia burguesa ter sido desvelada através das contradições do *modus operandi* do sistema de produção capitalista, a tomada de consciência da relação de dominação da classe não havia culminado na revolução. O maniqueísmo dos marxistas ortodoxos os mantinha presos às análises econômicas e insistiam no paradigma do trabalho como meio para mudança estrutural da sociedade (MELO, 2013). Ainda que tenham havido tentativas administradas de revolução proletária, como a transição do feudalismo para o comunismo na União Soviética, à luz da história, constata-se que a mudança não aconteceu como esperado.

Durante o ano de 1923 fora organizada a Semana de Estudos Marxistas em Frankfurt. O evento buscava discutir os rumos do marxismo contrapondo interpretações ortodoxas que davam suporte ao marxismo soviético (SAZBÓN, 2004). Meses mais tarde ainda naquele mesmo ano, ao lado de Felix Weil e Friedrich Pollock, Max Horkheimer fundou Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt (BOTTOMORE, 2001). Aquele

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

instituto seria considerado mais tarde um dos maiores celeiros de intelectuais da Europa e de onde partiria a proposta de uma teoria social crítica.

Os primeiros membros desenvolveram trabalhos interdisciplinares e até heterogêneos. Ressaltamos assim que nem sempre tiveram unicidade em suas visões (BOTTOMORE, 2001; FREITAG, 2004; NOBRE, 2005; MELO 2013). O fato é que a primeira geração está para além de Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse. Ela contou outros intelectuais tais como Eric Fromm, Felix Weil, Friedrich Pollock, Franz Neumann, Otto Kirchheimer, Leo Lowenthal, Henryk Grossman, Arkadij Gurland, e Walter Benjamin como membro do círculo externo do instituto (BOTTOMORE, 2001).

Esclarecido isto, a escola de Frankfurt, então, não pode ser reduzida a uma aparente hegemonia de pensamento entre membros pertencentes a uma mesma geração (FREITAG, 2004), senão, como esforços díspares de um grupo de teóricos interdisciplinares em torno de um projeto teórico (BOTTOMORE, 2001). Suas bases são dispostas no texto seminal 'Teoria Tradicional e Teoria Crítica' de Horkheimer, publicado em 1937, considerado o marco fundador da Teoria Crítica da sociedade da Escola de Frankfurt (ARAGÃO, 1992, NOBRE, 2004; FREITAG, 2004). Foi em torno deste projeto que alguns intelectuais dedicaram seus trabalhos e a estes podemos nos referir como representantes do pensamento crítico frankfurtiano.

Faz teoria crítica todo aquele que busca continuar o intento de Karl Marx de promover o fim da dominação social (NOBRE, 2008). Entretanto, não trata de sustentar ortodoxias marxistas, tampouco fazer vistas grossas às mudanças sociais do século XX, principalmente em relação ao papel do Estado como interventor na economia e que toraram o diagnóstico de Marx limitado (CAUX, 2016). Consiste sim, em desenvolver conhecimento que potencialize a ação social para o fim da dominação técnica, econômica e política.

A Essência da Teoria Crítica Frankfurtiana

“Uma teoria social crítica com intenções práticas”, é como Aragão (1992, p. 12) define o projeto frankfurtiano. Para Nobre (2008), dois pilares sustentam a construção da Teoria Crítica: (i) o comportamento crítico e a (ii) orientação para a emancipação. Embora alicerçada na postura crítica e na busca pela emancipação inspirada por Marx, a Teoria Crítica de Frankfurt apresenta essência própria, marcada pela interdisciplinaridade dos envolvidos em seu projeto. A seguir, apontamos quatro aspectos que consideramos ser a essência do projeto teórico de Horkheimer (1991).

A Teoria Crítica é emancipatória. Sua gênese está na postura crítica de Marx perante as contradições da sociedade burguesa e na intenção de promover a tomada de consciência da sociedade a respeito desta situação (MELO, 2013). No marxismo a emancipação tinha por objetivo engajar as massas na revolução proletária para consecução do comunismo. Já a Teoria Crítica não prescreve a estrutura societal ideal, mas pretende a reduzir as contradições da sociedade pela *práxis* crítica. Certamente tal postura não prescritiva foi resultante da percepção daqueles pensadores em relação aos Estados totalitários na Europa edificados sob promessas de sociedades idealizadas, inclusive sob teses marxistas como no caso da União Soviética. Assim, o objetivo do instituto foi desenvolver um método que instrumentalizasse a ação social alimentada pelo desejo de emancipação (ARAGÃO, 1992), capaz de superar os obstáculos que impedem a consecução daquilo que em potencial existe de melhor na sociedade (NOBRE, 2008).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Para Horkheimer (1991), a exposição dos mecanismos de dominação não tem outro fim senão estimular a transformação social para redução das contradições da sociedade moderna.

A Teoria Crítica não se confunde com o marxismo. Embora mantenha como essência a postura crítica de Marx perante a ordem social, as análises do instituto já durante a década de 1930 “em grande medida divergem com relação ao diagnóstico apresentado originalmente por Marx (NOBRE, 2008, p. 44). A própria fundação em 1923 foi uma contraposição às interpretações ortodoxas do marxismo (BOTTOMORE, 2001). Horkheimer transparecia desconfiança em relação ao potencial emancipatório inscrito no conceito de trabalho – mais tarde explorada pela chave Razão Instrumental – dimensão que comprometia as teses de Marx e o marxismo (MELO, 2013). Também há contraposição ao estruturalismo econômico e às “tentativas insuficientes de uma crítica da economia política professada igualmente pela filosofia que respaldava a social democracia alemã ou pela teoria materialista em que se apoiavam os bolcheviques” (MELO, 2013, p. 27). A Teoria Crítica tem suas bases construídas a partir da postura crítica de Marx reinterpretando seus fundamentos teóricos para analisar o momento histórico contemporâneo ao instituto, e assim, desafiava o potencial explicativo das teses marxistas (NOBRE, 2008)

A Teoria crítica é multidisciplinar, característica que permitiu atingir regiões mal iluminadas pelo Marxismo (MELO, 2013). Tendo como horizonte o intento marxista de emancipação, a pluralidade intelectual dos membros permite que alguns permaneçam coesos em torno daquele projeto teórico. Dentre influências interdisciplinares na fundação da Teoria Crítica estão a psicanálise de Freud e fenomenologia de Nietzsche (BOTTOMORE, 2001). A experiência interdisciplinar obtida pelo envolvimento de vários intelectuais com diferentes formações que permitiu a Horkheimer formular o diagnóstico de seu tempo (NOBRE, 2008). Foi justamente o debate multidisciplinar em torno das teses marxistas que possibilitou a construção da tradição teórica crítica em Frankfurt. O legado de Marx como orientador não inibiu a riqueza analítica que ali produzida, ainda que isso tenha implicado em apontar para direções contrárias a algumas das teses marxistas (MELO, 2013).

A teoria crítica não fornece um diagnóstico acabado. Para Melo (2013) o maior desafio da teoria crítica está na necessidade de renovação de seus diagnósticos, conforme as novas (re)configurações do capitalismo, analisando de modo crítico inclusive suas próprias formulações quanto os novos obstáculos à emancipação ou para sua desobstrução. É então uma essência da Teoria Crítica o seu caráter inacabado (NOBRE, 2008), renovada, posta à prova da história e criticada de forma recursiva, tal qual a postura adotada por Adorno e Horkheimer (1985) em relação ao marxismo. Consiste em um duplo exercício de tomar a obra de Marx como referência para a busca pela emancipação, atualizando-a a cada momento histórico (NOBRE, 2008). Este exercício é característico da postura crítica e autocrítica dos teóricos frankfurtianos. A auto-reflexão é uma orientação filosófica que “está determinada por um interesse emancipatório do conhecimento” (HAMERBAS, 1987, p. 140), e foi responsável por conduzir a Teoria Crítica para superação do paradigma produtivista sem perder de vista as intenções do marxismo ocidental (MELO, 2013)

Quais são as categorias e diagnósticos mais adequados hoje para levar adiante essa tradição de pensamento? Essa adequação não implica atrelar

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

necessariamente nossas inspirações teóricas e intuições normativas em um novo diagnóstico sobre o Estado democrático de direito vinculado ao ocidente capitalista (MELO, 2013 p.24).

Deste modo, a teoria crítica pretende agregar novos dados ao corpo teórico elaborado, “relacionando-o sempre como conhecimento que já se tem do homem e da natureza naquele momento histórico” (FREITAG, 2004, p. 39). Assim, ela se constitui um projeto com fundamentos claros, mas de diagnóstico inacabado, sempre desafiado pelas complexidades reveladas pelo movimento histórico buscando identificar os obstáculos à emancipação e suas transposições através da *práxis* crítica.

Desconstrução da segregação por gerações

Alguns comentadores são mais ortodoxos ao interpretar o legado da Escola de Frankfurt. Em suas análises parecem ter erguido muralhas entre as gerações, induzindo a ideia de que a primeira geração fez verdadeiramente Teoria Crítica enquanto que os teóricos que seguiram no instituto após a saída dos membros fundadores foram incapazes de dar continuidade ao projeto iniciado por Horkheimer. Isto desconsidera, que por essência, a Teoria Crítica não pretende apresentar diagnósticos transcendentais (HORKHEIMER, 1991).

Entretanto, para além de ortodoxias, também reconhecemos que essa forma didática compreender a Escola Frankfurt através de gerações está institucionalizada e argumentamos em contraposição a esta narrativa. No Brasil, a divisão entre gerações está presente nos trabalhos de vários autores, inclusive entre alguns os que contribuem para este ensaio, tais como Faria (2009), Paes de Paula (2008), Aragão (1992) e Nobre (2008). Para Faria (2009), por exemplo, ao se referir à teoria crítica frankfurtiana é necessário esclarecer à qual geração se faz referência, pois para ele a segunda geração liderada por Habermas se afasta do marxismo e a terceira liderada por Axel Honneth tem perspectiva hegeliana e habermasiana. Concordamos que este prisma cronológico contribui para o entendimento da Escola de Frankfurt, mas ao mesmo tempo entendemos que desta forma também ocorre a supervalorização de uma narrativa temporal que suprime o elo entre os intelectuais que construíram um legado teórico em torno do projeto teórico que não foi rompido pelo tempo.

Além disso, Freitag (2004) e Nobre (2008) afirmam que o nome “Escola” de Frankfurt pode remeter a uma unicidade que raras as vezes existiu entre os seus representantes, independente das gerações às quais comumente se faz referência. Para Nobre (2004), entre os intelectuais frankfurtianos são notados diferentes modelos de Teoria Crítica ligados aos fundamentos do marco teórico que a apresentou à comunidade.

O que caracteriza a sua atuação é a sua capacidade intelectual e crítica, sua reflexão dialética, sua competência dialógica ou aquilo que Habermas viria a chamar de “discurso”, ou seja, o questionamento radical dos pressupostos de cada posição e teorização adotada. (FREITAG, 2004, p.34)

Ao se referir à primeira geração como sendo aquela que fora mais próxima do marxismo em relação às sucessoras, incorre-se em um erro análogo ao apontado por Nobre (2008) ao se referir à Frankfurt como uma escola que remete plena unicidade de pensamento. Ao utilizar o critério de gerações para compreender a trajetória do instituto,

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

há que se admitir que também estamos nos referindo aos demais membros que o fundaram, e que nem sempre estiveram totalmente engajados no projeto de Horkheimer (1991). Alguns deles participaram da fundação do instituto, ou seja, são membros da primeira geração, mas jamais tiveram laços fortes com a Teoria Crítica. Citamos Franz Neumann e Otto Kirchheimer no campo do Direito, o sociólogo Leo Lowenthal, ou economista Henryk Grossman e o cientista político Arkadij Gurland, que embora fossem membros fundadores, não compartilhavam em mesma intensidade o interesse na construção de uma teoria social crítica emancipatória.

As divergências entre aqueles intelectuais considerados de primeira geração foram notáveis até o fim de suas carreiras. Em sua carta à Adorno, Marcuse (1969) evidencia discordâncias teóricas e práticas em relação ao uso político do “velho propósito do instituto”, com referência às discordâncias a respeito da relação entre a produção de conhecimento para ação social emancipatória e os movimentos estudantis revolucionários da década de 1960. Assim, fica notável que produção intelectual frankfurtiana, mesmo entre os membros fundadores do instituto, não se caracteriza pela total aderência ao marxismo, mas o tem como um horizonte que os levou a criticarem o modo positivista de fazer ciência no campo da sociologia.

Da mesma forma, ao aceitar o argumento de que a segunda geração difere da primeira por ter se distanciado mais do marxismo, induz-se ao erro de não reconhecer as discordâncias substanciais em relação ao diagnóstico marxista já na fundação do instituto, e que foram ainda mais notáveis da *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO E HORKHEIMER, 1985) e no manuscrito de *Teoria crítica ontem e hoje* datado de 1970, onde segundo Freitag (2004), Horkheimer mostra três grandes equívocos da teoria marxista: (i) a não ocorrência da Revolução Proletária em função da constante degradação da vida daquela classe; (ii) a inconsistência da tese das crises cíclicas do capitalismo decorrentes da alternância entre excesso de produção e falta de consumo; (iii) a ilusão de que liberdade e justiça caminhariam juntas, uma vez que as experiências promoção de justiça nos Estados comunistas levaram à progressiva redução das liberdades, em caminho oposto à emancipação.

Portanto, a narrativa da Teoria crítica, e não a cronologia do instituto, pode ser melhor construída se centrada na proximidade que alguns dos intelectuais tiveram com seu projeto teórico. Em outras palavras, o que torna os teóricos genuinamente críticos frankfurtianos não é o fato de pertencerem à esta ou aquela geração, mas seu compromisso com a essência do projeto de construção de uma teoria capaz de explicar as contradições da sociedade moderna, fornecendo elementos para ação social na promoção da emancipação e o fim da dominação social.

Habermas e a Continuidade da Teoria Crítica Frankfurtiana

Sustentamos que dentre os intelectuais que transitaram pela Escola de Frankfurt, fizeram e fazem Teoria Crítica aqueles que se contrapõe às relações de dominação social instituídas historicamente pelo capitalismo à luz dos fundamentos do marco fundador. Sabidamente nos ocupamos em argumentar a contribuição de Habermas na tradição crítica de Frankfurt. Exploramos nesta seção algumas de suas contribuições que marcam sua convergência com o projeto teórico original do instituto da década de 1930.

Habermas se afastou do marxismo? Este frankfurtiano acompanha o pensamento de Marx de que a produção de bens materiais para manutenção das necessidades humanas

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

ainda não encontrou formas justas e racionais de distribuição dos próprios bens e da riqueza entre a sociedade (FREITAG, 2004). Entretanto, discorda de Marx de que a emancipação se dá apenas pela superação das relações de trabalho do modo de produção capitalista (CAUX, 2016). Habermas acredita que isso apenas pode ser viabilizado através da mediação da categoria intersubjetividade da razão comunicativa (ARAGÃO, 1992).

Em vários ensaios Habermas retorna ao debate apresentados por Horkheimer (1991). Para Freitag (2004), além de debater e comentar os escritos de Adorno, Benjamin, Horkheimer e Marcuse, acaba transcendendo-os com devido à complexidade que sua teorização adquire ao longo do tempo. Devido à sua releitura à luz de novos fatos históricos – sua longevidade tem colaborado para isso – o teórico se revelou um dos membros mais produtivos da Escola de Frankfurt. Habermas busca a preservação dos fundamentos de Horkheimer (1991) e avança no diagnóstico com suas análises sobre a legitimação do Estado moderno, que com cumplicidade aos interesses do Capital desarticulou por completo qualquer possibilidade de revolução proletária (HABERMAS, 2002)

Habermas (1987) também retoma a desconstrução da suposta neutralidade da ciência positiva ou da teoria tradicional em Horkheimer (1991), argumentando que a produção de conhecimento é guiada por interesses constituídos por meio do trabalho, da linguagem e da dominação (Habermas, 1987). O autor argumenta o caráter ideológico da linguagem à qual a ciência não escapa, portanto, dando suporte às proposições de não neutralidade da Teoria Tradicional

¹.

Habermas questiona a validade da proposta positivista de postular a objetividade e verdade do conhecimento apenas em função do método, ou melhor, o procedimento lógico-formal. Esconde-se atrás dessa tese um conceito pobre e limitado da razão: a capacidade de manipular corretamente regras formais (FREITAG, 2004, p.53).

As reflexões sobre a linguagem e a comunicação até então não explorada pelos frankfurtianos foi articulada primeiramente por Habermas para dar suporte à Teoria Crítica, mas ao longo do tempo se torna uma categoria central em sua abordagem (FREITAG, 2004) possibilitando transcender o diagnóstico pessimista da realidade expressado por Adorno e Horkheimer (1985).

No diagnóstico de Habermas (2012), os obstáculos à emancipação se manifestam nos processos de comunicação. Para o autor, uma sociedade emancipada é viabilizada pela liberdade, “no diálogo, livre da dominação, de todos com todos, ao qual vamos sempre já buscar tanto o padrão de uma identidade do eu reciprocamente constituída como a ideia do verdadeiro consenso” (HABERMAS, 1987, p. 144). A teoria do consenso da verdade é baseada na capacidade de distinguir entre essência e aparência (afirmações verdadeiras), entre ser e ilusão (informações verazes) e entre ser e dever (afirmações corretas) (FREITAG, 2004). Assim, Habermas preserva elementos importantes do texto fundador da Teoria Crítica Frankfurtiana, propondo uma teoria que partilha da postura crítica perante a realidade e da rejeição de falsos determinismos (FREITAG, 2004)

Mesmo tendo incorporado novos elementos à Teoria Crítica, Aragão (1992) afirma que Habermas se mantém fiel ao projeto do Instituto de Pesquisa Social,

¹ Referência ao conceito de Teoria Tradicional elaborado por Horkheimer (1991)

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

promovendo uma pesquisa interdisciplinar que busca revelar as contradições e assim viabilizar a emancipação, em sua leitura por meio da razão comunicativa. Com isso, se afasta do pessimismo radical de alguns membros, e tenta salvaguardar o projeto e o programa originais abandonados pela concepção de aprisionamento à racionalidade instrumental de Adorno e Horkheimer (ARAGÃO, 1992). Em sua produção, principalmente entre as décadas de 60 e 80, Habermas tenta demonstrar que com a mudança de paradigma da razão instrumental para a razão comunicativa ainda é possível retomar os caminhos perdidos do projeto teórico de Horkheimer (ARAGÃO, 1992).

A Teoria da Ação Comunicativa é apresentada por Habermas na década de 80, como um desfecho de sua produção nas décadas anteriores. Sem aderir ao pessimismo de Adorno e Horkheimer, revela uma profunda convicção na competência linguística e cognitiva dos atores sociais, onde no debate, através da disputa pelo melhor argumento mediados pelo questionamento radical, são capazes de produzir uma razão intersubjetiva baseada na razão comunicativa (FREITAG, 2004). Assim, a razão comunicativa é o ponto de intersecção de três mundos: o mundo das coisas objetivas, mundo social das normas e o mundo subjetivo dos afetos (Freitag, 2004).

Apesar das discordâncias – natural entre os membros –, Habermas converge com Adorno e Horkheimer (1985) em alguns pontos: (i) a perda do potencial emancipatório pelo trabalho, (ii) o descrédito no ativismo político ao qual Marcuse punha suas esperanças; e (iii) a recusa de que uma teoria possa servir de paradigma para orientar a ação diretamente, senão pela emancipação.

O que o diferencia de Adorno e Horkheimer (1985) é que enquanto aqueles autores declaram que as chances de emancipação da sociedade estavam bloqueadas naquele momento histórico, Habermas continuou a trabalhar no conceito de razão comunicativa e nela deposita sua esperança para a modernidade. O autor considera que a habilitação da esfera pública, onde as decisões para a ação social potencialmente podem ser tomadas sem qualquer imposição coercitiva numa disposição democrática baseada no diálogo e busca por consenso, unicamente em função da racionalidade das ações seja uma possibilidade viável para a construção de uma sociedade livre da dominação do poder econômico e político. (ARAGÃO, 1992). Aqui se revela uma característica do projeto original, em que a Teoria Crítica sem cair no idealismo, busca o que há de concreto em potencial na realidade, mas que não se realiza por forças de dominação que precisam ser superadas.

O Potencial da Teoria Crítica de Habermas em EORs

Em EORs no Brasil, Habermas tem sido interpretado de forma dissociada do projeto do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Sustentamos isto se trata de um equívoco pois seus trabalhos são enraizados nos ideais emancipatórios do instituto. É necessário que seu diagnóstico da sociedade no capitalismo tardio e os avanços pós virada linguística sejam considerados à luz dos fundamentos da Teoria Crítica.

Habermas não é apenas um teórico social, mas a amplitude de seu trabalho alcança também dimensões morais e políticas que abrem novos caminhos para estudos organizacionais (RASCHE; SCHERER, 2014). A magnitude do pensamento de Habermas, ancorado na postura crítica marxista, na filosofia da linguagem, na psicanálise e nas abordagens sociológicas críticas e apresenta como possibilidade para produção científica contra hegemônica em estudos organizacionais (VIZEU, 2005).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Para Rasche e Scherer (2014) os primeiros trabalhos de Habermas têm sido de grande valia para analisar os fundamentos epistemológicos da produção de conhecimento em estudos organizacionais. O teórico expandiu a Teoria Crítica particularmente discutidos em 'Conhecimento e Interesse', diferenciando três áreas de interesse humano, (i) para controle técnico, (ii) interação prática e (iii) crítica emancipatória relacionadas a diferentes tipos de investigação científica. Os interesses apontados por Habermas (1987) são "constitutivos do conhecimento", o que implica em reconhecer que estes influenciam diferentes tipos de produção e a validação de conhecimento. Os interesses condutores do conhecimento se configuram pelo trabalho, pela linguagem e pela ordem de dominação (CAUX, 2016).

Pelo meio do trabalho, onde se inserem as ciências analítico-empíricas, assegura-se o interesse do gênero humano pela sobrevivência na forma da adaptação às condições externas de vida. Pelo meio da linguagem, onde atuam as ciências hermenêutico-históricas, o gênero humano, orientado por um interesse prático, garante sua integração por valores comuns transmitidos na comunicação cotidiana. Por fim, no interior das relações de dominação, nas quais as identidades individuais se estabilizam de forma tensa entre as pretensões pulsionais do indivíduo e a coação das normas sociais ou de grupos, é o interesse emancipatório da humanidade que orienta a autorreflexão crítica das ciências, que, nesse movimento, descobrem a si mesmas como cristalizações ideológicas legitimadoras das respectivas ordens de dominação (CAUX, 2016, p. 61)

As reflexões a partir da construção intersubjetiva da realidade através da linguagem em uso e do discurso possibilita abordagens alternativas de análise organizacional (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2013). A partir da Teoria Crítica conduzida por Habermas, a dominação operada através da comunicação sistematicamente distorcida nas organizações é claramente identificada como uma forma de ação social alienante. O foco no conhecimento emancipatório em estudos organizacionais potencializa a compreensão de como o comportamento é dominado pelas estruturas existentes. Dentre as possibilidades de articulações com Habermas, estão as pesquisas que exploraram a comunicação sistematicamente distorcida com fins instrumentais, estruturas opressivas limitam e controlam a vida dos trabalhadores (VIZEU; CICMANEC, 2011).

A exploração da democracia deliberativa à luz da tradição crítica de Frankfurt contribuiu para o surgimento de um novo subcampo em estudos organizacionais, o da comunicação organizacional (RASCHE; SCHERER, 2014). Para Vizeu (2005), em estudos organizacionais a Teoria da Ação Comunicativa conduz a desvelar como as práticas gerenciais pautadas na razão instrumental, legitimadas pela tradição funcionalista, se travestem de discursos que promovem a distorção comunicativa em prol de objetivos unilaterais.

A riqueza da literatura habermasiana também contribuiu para discussão sobre a ética nas organizações. Rasche e Scherer (2014) apontam possibilidades de avanços no debate sobre a ética empresarial através dos conceitos do agir comunicativo (HABERMAS, 2012). A ética, enquanto um acordo de convivência social pressupõe a necessidade de comunicação entre atores sociais livre de dominações e voltada para a busca do consenso. Para Vasconcelos, Pesqueux e Cyrino (2014) não há ética sem comunicação autêntica como aspirada pela teoria do agir comunicativo, demonstrando ser um meio possível para o debate que viabiliza a construção de acordos de convivência. A distinção feita por

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Habermas entre raciocínio pragmático, ético e moral abre possibilidade para uma análise mais abrangente sobre a ética empresarial se comparada a tradições funcionalistas de pesquisa em administração (RASCHE; SCHERER, 2014).

Seu pensamento também tem sido útil ao debate da Responsabilidade Social Corporativa, aprofundando a análise sobre o papel político das empresas na sociedade (RASCHE; SCHERER, 2014). A construção de fóruns regionais de debate sob inspiração habermasiana podem levar à mitigação da distorção comunicativa empreendidas pelos agentes mantenedores dos interesses do capital. Pode-se assim, constituir uma agenda ações que valoriza vias para o desenvolvimento humano, social e tecnológico que promovam justiça social (VASCONCELOS; PESQUEUX; CYRINO, 2014). O discurso empresarial da sustentabilidade parece ter sido instrumentalizado por interesses econômicos carecendo de debates com a prevalência de argumentos que não estejam condicionados à maximização do lucro.

Considerações Finais

A Teoria Crítica continua viva através de Habermas e seu otimismo em relação à possibilidade de emancipação via razão comunicativa. Não se trata de idealismo uma vez que o teórico busca realizar o que já existe em potencial na sociedade, mas que por obstáculos do poder econômico e político não se realiza, uma característica fundamental da teoria Crítica segundo Nobre (2004). As organizações têm papel imprescindível na transformação social e o campo de EORs deve produzir conhecimento que viabilize a construção de uma sociedade emancipada livre da dominação (re)configurada no capitalismo tardio.

Há que transcender a forma instituída em compreender a Teoria Crítica através da cronologia das gerações, uma vez que tal segmentação leva a erros como desconsiderar que durante toda a história de da Escola de Frankfurt discordâncias entre os membros das caracterizadas mesmas gerações. Portanto, sustentamos que a proximidade aos fundamentos do projeto delineado por Horkheimer (1991) deve ser o critério para compreensão da trajetória da Teoria Crítica ao longo do século XX.

Deste modo, Habermas deve se fazer presente em EORs como um genuíno Frankfuriano, cuja produção teórica se alinha aos fundamentos da Teoria crítica: (i) emancipatória; (ii) postura crítica marxista; (iii) multidisciplinar; e (iv) em constante revisão. Os caminhos por ele trilhados na busca de vias para emancipação revisando o diagnóstico de outros membros da Escola com virada linguística, a denúncia da colonização do mundo da vida e sua esperança na Razão Comunicativa lhe confere *status* de um frankfuriano comprometido com o projeto teórico do Instituto de Pesquisa Social.

Cabe reconhecer que Habermas jamais denominou-se o herdeiro da tradição frankfurtiana, isto tem sido debatido entre seus leitores e críticos. O autor tem produzido reflexões acerca de temas contemporâneos e nem sempre está a dialogar diretamente com seus ex-colegas de instituto. Entretanto, ressaltamos que a evolução de seu pensamento é fruto de sua trajetória em Frankfurt, sendo melhor compreendido a partir de sua íntima ligação com a Teoria Crítica.

As possibilidades de avanços da Teoria Crítica continuada por Habermas são promissoras em EORs. Acreditamos que os debates atuais sobre sustentabilidade, ética e democracia podem ter interesses políticos e econômicos desvelados a partir de suas reflexões, promovendo assim vias para emancipação através da racionalidade

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

comunicativa. Existe campo fértil para uma agenda de pesquisa se explorados os espaços públicos onde ocorrem debates sobre o impacto das atividades empresariais nas comunidades onde estão alocadas. Além disso, a recente constituição de espaços públicos virtuais de debate parece ser ainda pouco abordada no Brasil, sendo assim, uma possibilidade para sua exploração em EORs.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor e MARCUSE, Herbert. Correspondence on the German Student Movement. **New Left Review**, London, January-February 1999, nº 1/233, p. 123-136.
- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. O Conceito de Iluminismo. In: **Horkheimer Adorno**. Coleção Os Pensadores. Textos Escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. vol. 1. São Paulo: Atlas, 1999, p. 227-271.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAUX, Luiz Felipe de. Diagnóstico de tempo e transformação da crítica: Habermas e a origem da reconstrução. **Revista Perspectiva Filosófica**, v. 43, n.1, 2016.
- FARIA, Jose Henrique. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **CADERNOS EBAPE. BR**, v. 7, nº 3, artigo 8, Rio de Janeiro, Set de 2009.
- FORESTER, J. Teoria crítica e análise organizacional. **Plural**, v. 1, p. 131- 148, 1994.
- FREITAG, Barbara. **Teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FRIEDMAN, A.L. & MILES, S. 2002 Developing Stakeholder Theory. *Journal of Management Studies*, v 39, n 1, pp 1-21.
- HABERMAS, Jürgen – **Teoria do Agir Comunicativo**, vol. II: Sobre a Crítica da Razão Funcionalista, trad. de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e interesse. In: **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 129-147.
- HABERMAS, Jürgen. O centenário de Marcuse e os ritmos diversos da filosofia e da política. Tradução Samuel Titan Jr. **Folha de São Paulo**, 09 de agosto de 1998. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs09089804.htm>> acesso em 26 de outubro de 2016.
- Horkheimer, M. Teoria tradicional e teoria crítica. In: **Max Horkheimer Theodor Adorno textos escolhidos**. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- Horkheimer, Max. Teoría crítica, ayer y hoy. In: **Sociedad en transición y estudios de filosofía social**, Planeta Agostini, Barcelona, 1972.
- KANT, Immanuel. O Que é o Iluminismo? In: **Paz Perpétua e Outros Opúsculos**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- MARX, Karl. **O capital**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2002.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

- MOTTA, A. C. G. D. **Abordagem crítica nos estudos organizacionais no Brasil: grupos de pesquisa e iniciativas em universidades.** 2014. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Rio de Janeiro, 2014.
- NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica.** Rio e Janeiro: Jorge Zahar: 2004.
- PAULA, A. P. Abordagem freudo-frankfurtiana, pesquisa-ação e socioanálise: uma proposta alternativa para os Estudos Organizacionais. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 11, n. 4, p. 520-520, 2013.
- PAULA, Ana Paula Paes de. **Teoria crítica nas organizações.** São Paulo: Thomson Learning, 2008.
- RAMOS, A. G. A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- SAZBÓN, Jose. O legado Teórico da Escola de Frankfurt. In: VITA, Alvaro de; BORON, Atílio (Org.). **Teoria e Filosofia Política: a recuperação dos clássicos no debate latino americano.** São Paulo; Editora Universidade de São Paulo; Buenos Aires: Clacso, 2004.
- VALLE, Rogerio. A questão tecnológica e a qualificação profissional: qualificação técnica e qualificação social: em busca de uma visão pós-habermasiana. In: AMÂNCIO FILHO, A., and MOREIRA, MCGB., orgs. **Saúde, trabalho e formação profissional** [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997. 138 p. Disponível em <<http://static.scielo.org/scielobooks/9tc7r/pdf/amancio-9788575412787.pdf>> acesso em 25/10/2016.
- VASCONCELOS, Isabella Francisca Freitas Gouveia de; PESQUEUX, Yvon; CYRINO, Alvaro Bruno. A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e suas aplicações nas organizações: contribuições para uma agenda de pesquisa. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 12, n. spe, p. 374-383, Ago. 2014 .
- VIZEU, F. Poder, conflito e distorção comunicativa nas organizações contemporâneas. In: Marlene Marchiori. (Org.). **Comunicação e Organização: reflexões, processos e práticas.** São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010c, p. 251-268.
- VIZEU, F.; MATITZ, Q. R. S. Organizational sacralization and discursive use of corporate mission statements. *Brazilian Administration Review*, v. 10, n. 2, p. 176-194, 2013.
- VIZEU, F.; & CICMANEC, E. R. (2013). A música que encanta, o discurso que aprisiona: a distorção comunicativa em uma loja de departamentos. *Cadernos Ebape.BR*, 11(1), 149-164. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512013000100010>. VIZEU, Fábio. Ação comunicativa e estudos organizacionais. **Revista Administração de empresas**, out/dez 2005.
- VIZEU, Fabio. (Re)contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do *Management*. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, p. 780-797, 2010a.
- VIZEU, Fabio. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, p. 36-46, 2010b.
- VIZEU, Fábio. Uma aproximação entre liderança transformacional e teoria da ação comunicativa. **Revista de Administração Mackenzie**. 2011, Vol. 12 Issue 1, p. 53-81.